



COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Empresa Editora: Tip. "União Gráfica," T. de Despacho, 18-Lisboa — Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração: "Seminário de Leiria."

FÁTIMA, o novo Saltério de Maria

«E Fátima traduz a devoção mais bela,
do povo português que a Virgem anela».

Do Poema de Fátima, por Rui Cordovil.

Dom Manuel II, «o Desditoso»

Quando a «Voz da Fátima» reproduziu nas colunas do seu número de Junho a gentilíssima carta que o Senhor Dom Manuel de Bragança escreveu ao venerando Prelado de Leiria, comunicando-lhe a oferta de dez contos de reis para o altar-mór da Basílica nacional de Nossa Senhora de Fátima, ninguém sequer suspeitava que, decorridas apenas duas semanas, o nobilíssimo espírito do seu autor, despreendendo-se dos frágeis liames do corpo, voaria, em suave adejo, para o Céu, a cingir uma corôa mil vezes mais bela e mais rica do que a do reino que na terra fóra seu.

Grande no trono, donde uma revolução o despenhou, maior ainda no exílio, que lhe permitiu patentear aos olhos de todos, nacionais e estrangeiros, os preciosos quilates da sua alma de ouro, o último rei de Portugal foi sempre um católico fidelíssimo e um exímio patriota.

Inúmeros rasgos de bondade cingem de luz intensa e brilhante a sua fugaz existência sobre a terra, toda consagrada à prática das mais sublimes virtudes religiosas e cívicas.

Em todos os lances delicados da vida da nação, o amor da Igreja e o amor da Pátria eram a nota dominante das suas palavras e dos seus actos. Dom Manuel morreu apenas com 43 anos de idade, de uma morte santa, piedosamente abraçado à cruz, símbolo daquela que durante a vida tanto lhe pesara sobre os ombros e que com tanta resignação e nobreza de sentimento soubera levar.

As exéquias que por sua alma se realizaram em Londres, na Catedral de Westminster, assistiram milhares de pessoas, entre as quais, em lugares de destaque, as Rainhas, Viuva e Mãe, D. Augusta Vitória e D. Amélia, os reis Jorge da Grécia e Afonso XIII de Espanha, o duque de Gloucester, representante do rei de Inglaterra, o almirante Miraglia, representante do rei de Itália, e os embaixadores de Portugal, França, Brasil, Bulgária, etc.

Por iniciativa do Governo da República, serão oportunamente trasladados para Portugal, a-fim-de repousarem no solo dos seus antepassados, os restos mortais daquele Rei, grande na virtude e grande no infortúnio, que fechou com chave de ouro a última série de soberanos pertencentes à Sereníssima casa de Bragança.

Para as duas augustas Senhoras, Viuva e Mãe do Senhor Dom Manuel, feridas por um golpe tanto mais duro quanto inesperado, vai a expressão sentida da dor e da piedade dos redactores e dos leitores da «Voz da Fátima», como católicos e como portugueses que se prezam de ser.

Que Deus, infinitamente misericordioso, se tenha dignado acolher entre os esplendores da sua glória a bela alma do último rei fidelíssimo!

Pie Jesu, dona ei requiem sempiternam!

Os actos religiosos oficiais

No dia doze de Julho, às últimas horas da tarde, era já considerável a multidão que, num vaivém contínuo, circulava na Cova da Iria, na estrada adjacente e nas suas imediações. Todavia, como, a-pesar-de se ter já entrado na

quadra estival, o frio naquele lugar e àquela hora do dia, era intenso e o vento soprava rijo, foi resolvido efectuar os actos religiosos nocturnos do costume na capela do Albergue de Nossa Senhora de Fátima, em cuja entrada se armou um altar para esse fim.

A procissão das velas, menos concorrida que nos dois meses anteriores, percorreu o itinerário habitual, mas não teve o brilho e a imponência que reveste quando o tempo é favorável.

Entre as peregrinações organizadas, viam-se as de Setúbal, Alcanede, Póvoa de Varzim, a Juventude Católica Femi-

se celebrou missa por alma do Senhor D. Manuel de Bragança, que como sua augusta Esposa, era tão devoto de Nossa Senhora de Fátima e que tão generoso se tinha mostrado para com o Santuário.

A peregrinação de Junho tinha trazido a Portugal e a Fátima um distinto escritor alemão, o rev.º Heinrich Wohnhaas, da Congregação dos Filhos do Coração de Jesus, professor no Seminário das Missões de S. José, em Ehwanen, Württemberg.

Por sua vez com a peregrinação de Julho veio outro sacerdote alemão, o

de Setúbal e director da peregrinação daquela cidade.

Na esplanada em frente da Basílica tinham sido armados catorze toldos que abrigavam dos raios do sol cerca de cem doentes, alguns dos quais se achavam em estado bastante grave. O venerando Prelado de Leiria assistiu ao santo sacrificio próximo do altar. O pregador, que foi o mesmo da hora da adoração nacional, à estação da missa falou ao microfone, explicando o evangelho do dia.

Após a Missa, o Senhor D. José deu a bênção com o Santíssimo aos doentes.



Peregrinação de 13 de Maio de 1932 — O Sr. Núncio bense o monumento do S. Coração de Jesus diante da Imagem de N. S. de Fátima. Junto do Sr. Núncio estão os Srs. Bispos do Algarve e Leiria.

nina de Leiria e um grupo de alunas do Patronato de Alcaneda envergando os seus uniformes.

A meia-noite começa a adoração nocturna de Jesus Sacramentado.

Durante a primeira hora destinada à adoração nacional, prègou o rev.º Joaquim Lourenço, prior de Mendiga, com a assistência de Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor D. José Alves Correia da Silva, venerando Bispo de Leiria.

A segunda hora, reservada para a peregrinação de Setúbal prègou o Vigário Geral, rev.º Francisco Carlos Nunes.

A quarta hora prègou o rev.º dr. Galamba de Oliveira, professor de sciências eclesiásticas no Seminário Episcopal de Leiria. Pouco depois das seis horas, terminada a adoração nocturna com a bênção do Santíssimo, o mesmo sacerdote que naquele local tinha celebrado, havia precisamente anos, a sua primeira missa, rezou a missa da comunhão geral.

As nove horas e meia o Senhor D. Jo-

rev.º Ludwig Valdmüller, de Hilpoltstein, Baviera.

Este mês estavam também presentes três minoristas austríacos, estudantes da Companhia de Jesus, que se destinam às missões da grande República do Brasil. Eram os rev.ºs João Dornständer, de Wels, Francisco Gaismayer, de Pyrosvorth, e Johaim Trachta, de Linz, Urfahr.

Já depois de concluídas as cerimónias oficiais, chegou um jocista holandês, pintor, que pesaroso pela demora involuntária que o iníbiu de assistir aos actos da peregrinação, resolveu ficar em Portugal até ao dia treze do próximo mês de Agosto.

Ao meio dia solar principiou a missa dos doentes, que foi celebrada no altar provisório exterior da Basílica. Acolitaram a essa missa os rev.ºs Cónego Francisco Maria Felix, Reitor do Seminário Patriarcal em Santarém, e Francisco Carlos Nunes, prior da freguesia

Assistiram à missa dos doentes o rev.º dr. Francisco Cruz, vários professores e prefeitos do Seminário de Santarém, numerosos alunos deste Seminário e do de Leiria e o rev.º José Ferreira de Lacerda, pároco da freguesia dos Milagres e director do semanário «O Mensageiro», de Leiria, antigo capelão do Corpo Expedicionário Português em França e uma das pessoas que primeiro e dum modo mais completo interrogaram os videntes sobre as aparições e os sucessos maravilhosos de Fátima.

A J. C. F. de Leiria

A Juventude Católica Feminina de Leiria enviou a Fátima, na peregrinação deste mês, uma numerosa e brilhante delegação.

Tendo por sua padroeira especial Nossa Senhora de Fátima, essa benemérita colectividade resolveu ir depôr aos pés

da Virgem o tributo do seu amor e da sua gratidão filial.

Tendo chegado à Cova da Iria ao cair da tarde, as piedosas jovens católicas da cidade de Leiria dirigiram-se processionalmente, precedidas do seu estandarte, para a capela das aparições, rezando o terço do Rosário durante o percurso. Em seguida fizeram a visita ao Santíssimo na capela do Albergue. Incorporaram-se na procissão das velas e tomaram parte na adoração nacional. No dia treze, às oito e horas e meia, assistiram à missa celebrada pelo seu zeloso assistente eclesiástico, o rev.º Augusto de Sousa Maia, secretário do venerando Prelado e professor de sciências eclesiásticas no Seminário de Leiria. Todas receberam nessa missa o Pão dos Anjos.

Juntamente com o grupo conduziram a Fátima duas doentes, sendo uma delas sócia da Juventude. A tarde, depois da procissão final, retiraram para Leiria por Ourém, aonde foram, em visita de estudo, a-fim-de ver os monumentos que se relacionam com a história do Santo Condestável D. Nuno Alvares Pereira.

A direcção da prestimosa Juventude Católica Feminina de Leiria é actualmente constituída pelas senhoras D. Rafaela Leitão Rito Estrêla, presidente, D. Bemvinda do Carmo Goes, secretária, e D. Maria Idalina Marques da Cruz, tesoureira.

Peregrinação diocesana de Leiria

Por iniciativa de Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor D. José Alves Correia da Silva, ilustre e venerando Bispo de Leiria, realiza-se, nos dias 12 e 13 de Agosto corrente, a primeira peregrinação da sua diocese ao Santuário Nacional de Nossa Senhora de Fátima.

A escolha daqueles dias para a realização da peregrinação tem por fim comemorar o centenário do Beato Nuno de Santa Maria, Condestável de Portugal, vencedor da Batalha de Aljubarrota em 14 de Agosto de 1385.

No dia 13, às nove horas e meia, haverá, pela primeira vez no Santuário de Fátima, Missa de Pontifical seguida da procissão do Santíssimo Corpo de Deus.

As pessoas que queiram tomar parte na peregrinação devem confessar-se antes, dar os seus nomes aos rev.ºs Párocos cujas indicações seguirão, e, durante o caminho, rezar o Rosário, entoar cânticos, se passarem por alguma igreja, entrar e visitar o Santíssimo e, se passarem pelos cruzeiros, fazer a Via Sacra.

É bem conhecido o zelo inteligente e indefesso do venerando Pastor da diocese e do seu clero, como é bem conhecida igualmente a piedade esclarecida e a devoção acendrada dos habitantes da diocese de Leiria para com a Santíssima Virgem.

Atentas estas circunstâncias e tendo-se em linha de conta o privilégio singularíssimo com que a Rainha do Céu distinguiu aquela diocese, dignando-se aparecer numa negra abençoada do seu território, é de esperar que essa peregrinação revista as proporções duma grandiosa manifestação de fé e piedade, digna da Virgem e honrosa para a diocese, para os seus fiéis, para o seu clero e para o seu Prelado.

A peregrinação da diocese de Leiria é

o pagamento da dívida de gratidão que a mais pequena diocese de Portugal contraía para com a augusta Mãe de Deus, que se dignou baixar os olhos para a humildade da sua serva, *quoniam respexit humilitatem ancillae suae*.

Qual será o habitante da diocese de Leiria que prezando-se de crente e devoto de Maria, se recusa a pagar a sua quota parte desta dívida sagrada, ficando em casa, quando nada o iniba de se incorporar em tão piedosa romagem?

Raio de luz

Esta magnífica publicação, revista mensal de Senhoras, órgão de comunicação e propaganda da Liga de Acção Social Cristã nas suas diferentes secções, insere no seu número correspondente ao mês de Maio último três artigos sobre Fátima. O primeiro, intitulado *A Jornada de Fátima*, encerra a descrição pormenorizada da peregrinação da Liga — Senhoras e Juventude — ao Santuário de Fátima nos dias 12 e 13 de Maio, peregrinação em que tomaram parte grupos da Liga de Lisboa, Pórtio, Leiria, Viana, Torres Novas, Santarém e Algarve.

Com o grupo de Lisboa foram também a Fátima o Assistente Geral, rev.º dr. Cónego Carneiro de Mesquita, secretário de Sua Eminência o Senhor Cardinal Patriarca, o Promotor Nacional, rev.º Sebastião Pinto da Rocha, a Senhora Presidente Geral, D. Maria Amélia de Lemos Santos, e a Senhora Tesoureira e Correspondente Geral da Liga, D. Maria do Carmo Ferreira de Mesquita de Moura. Dentro dos muros da Basílica efectuou-se uma reunião em que falaram sobre os trabalhos e os interesses da Liga os rev.ºs Assistente Eclesiástico Geral da Liga, Promotor Nacional e Assistentes eclesiásticos de Leiria e Braga e os dirigentes dos vários núcleos da Liga e Juventude ali representados.

A missa celebrada pelo rev.º Assistente geral comungaram duzentas e cinco sócias.

Noutro artigo, subordinado à epígrafe *Fátima, trono da Virgem*, uma ilustre escritora tece um hino de amor e gratidão à Virgem, que se dignou aparecer em Fátima para justificar mais uma vez o seu título de *celestes Padroeira da Lusitânia*.

Estas linhas escritas numa bela forma literária e cheias de conceitos e imagens felizes, são repassadas dum vivo sentimento de piedade unido a um amor acrisolado da Pátria.

Finalmente, na secção *Notícias da Juventude* uma jovem e distinta escritora traduz as suas impressões sobre a peregrinação de Maio num primoroso artigo, que revela em cada período uma alma feminina, plena de vida e mocidade e de santo e salutar entusiasmo.

Poema de Fátima

Escritor de raro mérito, jornalista de vastos recursos, músico exímio, crítico musical distintíssimo, mimoso e inspirado poeta, o sr. Rui Cordovil, que alia à sua fé viva e activa de católico integral uma fervorosa piedade filial para com a Virgem Santíssima, de quem é *servoita*, no seu Santuário máximo, quis pagar-lhe o tributo do seu talento e da sua devoção escrevendo e dando à estampa um formosíssimo esboço a que pôs o título de *Poema de Fátima*.

Em dísticos de rima emparelhada, distribuídos por sete pequenos cânticos, o autor celebra as aparições de Fátima e faz a história de alguns dos episódios maravilhosos que se tem desenrolado, naquele teatro admirável do poder e da bondade maternal de Maria.

O Sr. Rui Cordovil pertence incontestavelmente à pleiade, infelizmente pouco numerosa, daqueles ditosos filhos das musas que escrevem com a inteligência e com o coração em versos que resumam verdadeira poesia. Dificilmente, em tão poucas páginas seria possível dizer tanto e tão bem, a quem não tivesse um autêntico temperamento de artista, como na realidade tem o mavioso cantor dos prodígios assombrosos da Virgem de Fátima.

Nessas estâncias, feitas de tintas simultaneamente simples e fortes, vibra com intensidade a alma portuguesa e patriota, estuante de amor à augusta Rainha do Céu e de gratidão pelas graças que ela se tem dignado derramar sobre esta terra que se preza de ser a terra de Santa Maria.

O *Poema de Fátima* é um gracioso ramilhete de flores, puras, belas e fragrantas, deposto aos pés do trono da Mãe de Deus, no seu santuário predilecto, pela devoção dum poeta, crente e piedoso, cuja alma de artista a cidade da Virgem enleou e prendeu para sempre com os seus suavíssimos e celestiais encantos.

Dêsse magnífico hino sagrado, finíssima e preciosa joia literária, cujo quilate ortodoxo é garantido pelo *imprimatur* de sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Bispo de Leiria, transcreve-se a seguir a introdução, para que os leitores da *Voz de Fátima*, por essa pequenina amostra, possam avaliar o mérito de toda a obra.

«Num vasto campo agreste, um pouco ao sul de Ourém, era a Cova da Iria. E é certo inda ninguém pensava, um só instante, em visitar, na tal ponto sem valor, tão solitária terra. Sómente algum pastor, ao ver a erva maninha, levava o seu rebanho ali, pela tardinha. Mas essa terra brava, assim, triste e sombria, em terra de milagre ia tornar-se um dia! A Virgem do Rosário, a Santa Mãe de Deus, pedindo penitência, ali desceu dos Céus! E falou e sorriu a uns pobres pastorinhos, almas brancas e sãs quais outros cordeirinhos!... O milagre ecoou na sua singeleza e Fátima surgiu na terra portuguesa!...»

Verdadeira chave de ouro de abertura do *Poema de Fátima* esta deliciosa e magnífica introdução, que bastaria, só por si, para consagrar o seu ilustre autor como «inspirado cantor, rei da harmonia».

Visconde de Montelo

OS POBRESINHOS

Depois dos pecadores, eram os pobres quem mais ocupava o pensamento do santo Cura d'Ar. E pobres não são só os que andam de porta em porta, sendo às vezes estes os que tem uma vida menos aflitiva.

Ora o santo Cura d'Ar amava-os porque Nosso Senhor também os tinha amado e porque ele compreendia que não tendo neste mundo senão privações, penas e repulsas de toda a ordem, tinham mais necessidade de ser auxiliados, honrados e consolados.

Muitas vezes lhe ouviam dizer: Como nós somos felizes em que os pobres venham assim pedir-nos caridade. Se não viessem, deveríamos nós ir procurá-los, e para isto nem sempre há tempo.

«Há quem não faça esmola senão para que os vejam, os louvem e admirem... e há quem imagine que os pobres lhe não agradecem suficientemente. Isto não deve ser assim!...»

Se é pelo mundo que fazeis a esmola, tendes razão de vos queixar, mas, se é por Deus, que vos agradeçam ou não, que importa! É necessário fazer todo o bem que pudermos e a toda a gente, sem esperar recompensa senão somente de Deus.

«Quando nós damos esmola é preciso imaginar que a damos a Deus e não aos pobres. Pode acontecer que imaginemos estar a consolar um pobre e ser Nosso Senhor. Vede S. João de Deus: tinha o costume de lavar os pés aos pobres antes de os pôr à mesa.

Um dia inclinando-se sobre os pés dum pobre, viu que esse pobre tinha os pés atravessados por uma chaga. Levantou a cabeça cheio de emoção e exclamou: «Sois Vós, Senhor!» (e aqui o santo Cura d'Ar estava banhado em lágrimas). Nosso Senhor lhe replicou: «João, tenho prazer em ver como tu tens cuidado dos meus pobres...»

E desapareceu. «Vede esse bom S. Gregório que sentava todos os dias doze pobres à sua mesa. Um dia viu que eram treze e disse ao criado: «olha que são treze». O criado, no entanto respondeu que só via doze. O santo notou então que o décimo terceiro mudava de cor, aparecendo umas vezes encarnado, outras branco como neve.

Acabada a refeição, o Papa, chamando o pobre à parte, pergunta-lhe: «quem sois?» — «Sou um anjo (novas lágrimas do santo Cura d'Ar) e Nosso Senhor me enviou para ver de perto o cuidado que tendes com os seus pobres. Sou eu quem apresenta a Deus as vossas orações e as vossas esmolas». A estas palavras desapareceu.

Esta mesa, à qual o anjo esteve sentado, vê-se ainda em Roma.

«Há quem diga aos pobres que eles tem cara de saúde, que são preguiçosos e podiam muito bem trabalhar, que são novos e tem bons braços».

Ora vós não sabeis se a vontade de Deus é que eles mendiguem o seu pão e vos expondes assim a murmurar contra a vontade de Deus.

«Vede S. Bento José Labre: todo o mundo o repelia. Diziam que era um mandrião. Os pequenitos atiravam-lhe pedras. Ora esse bom santo sabia que fazia a vontade de Deus e por isso nunca respondia nada.

Um dia, o seu confessor disse-lhe: «meu amigo, eu penso que faríeis melhor em seguir outra vida, porque assim dais ocasião a que se ofenda a Deus. O mundo diz que é só a preguiça que vos leva a mendigar».

S. Bento Labre lhe respondeu com toda a humildade: «Meu Padre, é vontade de Deus que eu mendigue. Afaste um pouco as cortinas do confessionário e verá...» O sacerdote assim fez e viu uma luz que iluminava todas as Capelas. Depois disto, o confessor não voltou a insistir...

Pois bem, meus filhos, quem sabe se

GRAÇAS DE N. SENHORA DE FÁTIMA

Pleuresia purulenta

Irene Henriques Antunes, de Marruás — Torres Novas, aos trinta meses de idade foi acometida duma pleuresia purulenta. A criança definhava, de dia para dia. Todos os que a viam a julgavam em breve na sepultura.

Em fins de Agosto de 1931 agrava-se ainda mais a sua doença. É chamado o Sr. Dr. Carlos, de Alcanena, que lhe tirou da 1.ª vez meio litro de pus, e doutra vez mais de um litro!

Não obstante isto, o seu estado era cada vez mais grave, de maneira, que já desenganada pelos médicos, foi levada ao Hospital onde foi sujeita a uma operação cirúrgica no dia 19 de Outubro. Dois meses depois, depois de muitas orações e votos a Nossa Senhora a criança adquire o seu estado normal, encontrando-se agora perfeitamente boa, graça que atribuímos a N.ª S.ª da Fátima, que nos atendeu quando no meio da nossa dor lhe pedíamos que abençoasse os medicamentos, a operação e o tratamento com a água do Santuário da Fátima.

Maria do Ó Cordeira — Marruás

Dores nervosas

Venho pedir-lhe o favor de publicar no jornal da Fátima a seguinte graça que N.ª S.ª Senhora me alcançou.

Um meu filho sofria horríveis dores nervosas que, parecia, lhe queriam arrancar a vida. Numa dessas aflições pedi com grande confiança à Mãe do Céu que nos valesse e prometi ir com ele a Fátima agradecer à SS.ª Virgem a graça da cura, se esta lhe fosse concedida.

Desde então, graças a Deus, não tornou mais a ter aflições nervosas e hoje está, diz, de todo restabelecido, favor que nunca quero esquecer.

Teresa Júlia Varela Vieira — Algarve

Dores

Há meses, de noite, fui atacada de dores tão violentas numa perna, que parecia m'a esmigalhavam a martelo! Tais dores foram aumentando com tanta intensidade, que eu, não podendo já aguentar mais, recorri à Minha Mãe Celeste — Nossa Senhora da Fátima, prometendo-lhe uma pequena esmola e publicar esta graça, se Ela me valesse. Poucos minutos depois, passaram-me as dores, podendo desde logo descançar. Nunca mais senti dores horríveis como as que até ali me amarguravam a vida, por isso, venho agradecer a tão Boa Mãe, cheia de reconhecimento o grande favor que me alcançou.

Maria das Dóres Botelho — Cabeceiras de Basto

Doença no coração

Havia já muito tempo que era empregado Comercial em Taboão; mas no ano de 1928 comecei a sofrer no coração. As dores eram horríveis e o mal estar geral. Parecia que o coração se me despregava do peito! Consultei a medicina, mas sem resultados sensíveis porque os sofrimentos aumentavam cada vez mais. Neste estado grave e quasi desanimador, resolvi ir a Fátima numa camioneta que daqui foi a essa terra bendita. A viagem foi muito incomoda para mim que sofria, e para os peregrinos que tiveram de me ouvir e de gastar mais tempo na viagem.

Em Fátima assisti às cerimónias todas, embora com alguma dificuldade, mas à volta, senti-me muito bem já. Comia, rezava e cantava com os outros companheiros de viagem, e desde então até agora não mais senti sofrimento algum no coração, graças a Nossa Senhora da Fátima que foi quem me curou.

Uma outra graça temporal que alcançei quero também agradecer-lá a Nossa Senhora da Fátima.

Pinhão — Oliveira de Azemeis

Manuel Dias da Silva

Apendicite

Em 5 de Agosto de 1930 fui violentamente atacado por uma cólica nos intestinos que durante 5 horas me atormentou o corpo.

O meu médico Dr. Franklin, disse-me ser necessária uma operação em virtude de uma apendicite de que soffro. Como sempre tive horror às intervenções cirúrgicas, invoquei como o maior fervor possível a N.ª S.ª da Fátima, para que não tivesse de ser operada.

Passei alguns meses muito mal, mas nunca desanimei, e em 13 de Maio de 1931 estive em Fátima muito doente e sob uma dieta muito rigorosa.

não estaremos deante de um caso semelhante? É preciso, pois nunca repelir os pobres. Se nada pudermos dar-lhes, pediremos, ao menos, a Deus que inspire outros a dar.

«Outros dizem: «Não lhe dou esmola porque elle faz mau uso dela». Que elle

«Depois de rogar à Virgem a graça desejada e de beber a água Milagrosa, operou-se nesse mesmo dia a minha cura radical.» Nunca mais senti qualquer mal estar interior não sendo necessária a operação. Estas palavras não só traduzem o meu eterno reconhecimento de gratidão, confessando-me devedor a Nossa Senhora, duma dívida que jamais poderei pagar, mas também servem para testemunhar publicamente perante os crentes e os que o não são o que S. Bernardo diz de N.ª S.ª — «que ninguém recorre a Ela que não tenha sido ouvido.»

Alberto Leal Junior — Guarda Livros Diplomado — R. de S. Braz, 30 — Porto

Salpingite

Tendo minha irmã sido atacada gravemente de uma «salpingite» recorreu a N.ª S.ª da Fátima, prometendo-lhe, se fosse curada, mandar publicar a graça obtida e assinar o jornal «Voz da Fátima», o que gostosamente hoje vem fazer porque se considera curada.

P.ª José da Costa Leonardo — Faial — Açores

Diabetes

Sofri muito da terrível doença — «Diabetes» — e já sem esperança em médico algum, pedi à Virgem Maria da Fátima que viesse em meu auxílio, prece que foi ouvida por Nossa Senhora da Fátima.

Gracias a Ela e a Deus hoje estou curada e sinto-me muito bem.

Agradeço à Virgem Maria a minha cura nesta doença, como também muitas outras graças que dela tenho recebido do Céu e que nunca espero esquecer.

Rosa Amélia do Amaral — Faial — Açores

A uma mãe cristã

Encontrando-se minha mulher grávida, em Maio de 1931 principiou a sofrer horrivelmente por causa de ser cardíaca, doença esta em tal adiantamento, que vários médicos me tinham afirmado que um parto lhe causaria a morte.

Vendo pois que minha mulher sofria tão atroamente, levei-a a Coimbra a um médico que, depois de a examinar, receitou qualquer coisa, recomendando que voltasse 8 dias depois, para ver o efeito do medicamento. Voltámos. O clínico encontrou-a em estado que lhe aconselhou a que entrasse no Hospital para ai lhe ser provocado o aborto, mas que, não querendo sobre si a responsabilidade, lhe dava uma carta para outro seu colega especialista em partos. Este, depois de examinar a doente, declarou ser da opinião do seu colega, e com uma carta devolveu minha mulher ao primeiro médico, que insistiu com que minha mulher desse entrada no Hospital para lhe ser expellido o feto, visto ser esta também a opinião do seu colega.

A isto respondi eu: — «pois se é essa a opinião de V. Ex.ª e de seu Ex.ª Collega, não é a minha.

Não consinto em tal. Matar um inocente? Nunca.»

Ralhou comigo chamando-me assassino de minha mulher, etc. (e não se lembrando que queria cometer o mesmo crime num inocente).

Vendo, pois que a medicina só salvaria a minha mulher a troco dum crime, recusei-a e saí para me dirigir... a quem? — A Consoladora dos aflitos, à Virgem do Rosário da Fátima.

Desde então a minha vida, em todas as horas que as minhas ocupações me deixaram livres, pode dizer-se que tem sido uma prece continua. Por esta intenção orava continuamente e comunhava todas as vezes que me era possível, não falando já nas orações que pedia a almas piedosas e que se interessavam no bom despacho, deste pedido.

Puz de parte todos os medicamentos para simplesmente dar à doente, como remédio, água do Santuário da Fátima.

Apesar da opinião dos médicos de que ela morreria fatalmente no parto, a minha fé e esperança eram tão grandes que por diversas vezes e a diversas pessoas afirmei como certo que minha mulher havia de ser feliz. No dia 18 de Janeiro deste ano acabei uma novena a Nossa Senhora da Fátima, a cuja novena, assistiram minha mulher, minha sógra, e meus três filhos, e, no dia 19 de madrugada, minha mulher, num parto felicíssimo dava-me mais uma filha que 8 dias depois era purificada das manchas do pecado original na Igreja da minha freguesia — S. Martinho do Bispo — sendo madrinha a Virgem Nossa Senhora da Fátima, recebendo a

criancinha o nome de sua Madrinha — Maria do Rosário da Fátima.

No dia 8 de Fevereiro deste ano, como minha mulher me dissesse que se sentia tão bem como se nada tivesse tido, aconselhei-a a que com sua mãe, fosse à Igreja, onde se achava exposto o SS. Sacramento, e que lhe agradecesse lá tão grande graça.

Saíram com esse destino, mas andados alguns minutos, minha mulher sente dores tão violentas nas pernas que tem de retroceder e recolheu à cama, onde à noite, surpreendido, a vim encontrar gritando e contorcendo-se. Estava minha sógra preparando panos embebidos em água quente para lhe aplicar nas partes mais doridas quando eu entrei. Eu então disse: — o remédio que a cura está aqui; — e pégo num pouco de água da Fátima, aplico-lha nas regiões doridas e as dores cessam como por encanto.

Hoje, minha mulher vai criando a criancinha e fazendo com regularidade os seus serviços domésticos.

«Virgem Soberana: o meu reconhecimento será eterno, e não tendo mais que vos oferecer, ofereço-Vos o meu coração de filho agradecido, os corações de minha mulher e de meus filhos, suplicando-Vos os abrigueis sob o Vosso Manto e vos dignéis abençoar a vossa inocente afilhada.

Joaquim Lopes David — Mata do Choupal de Coimbra

Confirmo a veracidade do que fica dito.

S. Martinho do Bispo, 24 de Abril de 1932.

O prior — Mons. José Rodrigues Madeira

Gracias diversas

— Maria do Carmo — Ancião, agradece a N.ª S.ª da Fátima a cura de sua filha Maria do Céu.

— Hermínia Melo — New Bedford — América, agradece a cura de sua mãe Maria C. Luis e oferece três dolares para o Santuário.

— Alda Machado da Silva, Santarém, agradece a N.ª S.ª da Fátima, o ter-lhe concedido as melhores duma pessoa de família.

— Maria do Carmo da Rocha — Odivelas, agradece a Nossa Senhora o ter-lhe alcançado de Seu Amado filho uma graça muito importante.

— Maria Olívia de S. António Neto — Cercal, agradece a Nossa Senhora uma graça espiritual.

— Manuel Augusto Vieira e Rosa da Conceição — Alqueidão da Serra, agradecem a cura de seu filho Alcício, então de tenra idade. Por duas vezes, aos três e aos oito meses, foi desenganado pelos médicos, mas graças a Nossa Senhora que atendeu várias promessas dos pais desta criança, hoje encontra-se a mesma completamente bem.

— Maria Folesta Barosa, agradece a Nossa Senhora o ter-lhe concedido a saúde de que muito carecia bem como a sua família.

— Margarida Jorge Sequeira — Figueira do Castelo Rodrigo, tendo sua filha com um eczema que não cedeu a vários tratamentos médicos, agradece a Nossa Senhora a sua cura rápida depois de uma novena que fez em honra da Mãe do Céu.

— Quiteria de Jesus — Espite, agradece a Nossa Senhora a cura de seu irmão mais novo que esteve prestes a morrer. A família, cheia de máguia ou a Nossa Senhora e no dia seguinte a criança pede para se levantar. Hoje está completamente boa.

— Albertina de Jesus — S. Tiago da Guarda, agradece a Nossa Senhora a graça que lhe alcançou em favor da sua Mãe doente num Hospital. Hoje está boa graça que atribue a Nossa Senhora mais do que à medicina da terra.

O movimento da Fátima, conhece-se pelo livro

Fátima a Lourdes Portuguesa
do Dr. Luís Fischer

Peça-o já à cobrança, ou envie 5\$00 ao SANTUÁRIO DA FÁTIMA ou à VOZ DA FÁTIMA — LEIRIA.

VOZ DA FÁTIMA

Preço da assinatura por ano

Continente e ilhas... .. 10\$00
Estrangeiro 15\$00

• • •
Não se faz a cobrança pelo correio, e por isso a importância dos assinantes deve ser entregue nos dias 13 na Fátima, ou enviada a esta administração em vale ou carta.

Graças de N. Senhora de Fátima no Brasil

20) Uma respeitável Senhora, Viuva Isabel Afiani Machado, tem um filho que havia 6 anos já vinha lutando com uma impertinente lesão que bastante o fazia sofrer, sendo-lhe infrutíferos todos os remédios empregados.

Tendo conhecimento da devoção a N.ª Sr.ª da Fátima e das insignes graças que por meio da sua novena e água milagrosa se vinham obtendo, adquirindo uma e outra coisa, começa desde logo com todo o fervor a implorar o seu prodigioso auxílio. Tanto bastou para, em bem curto prazo, obter d'Ela a cura radical de seu filho, graça que com o mais profundo reconhecimento de todo o coração agradece a tão boa e compassiva Mãe, pedindo seja publicada no seu jornalzinho «A Voz da Fátima».

21) O R. P.ª João Batista Gonçalves S. J., natural de Coimbra, antigo Superior da Missão dos Jesuítas portugueses no Norte do Brasil, era ainda em princípios de 1931 Superior de uma Residência em S. Carlos do Pinhal, Estado de S. Paulo. Havia muito que ele vinha sofrendo de umas dores no fígado, que, nem ele, nem o médico, sabiam bem a que atribuir. Sendo já cada vez mais sensível o seu mal-estar, foi transferido para o Colégio «Antônio Vieira» da Baía, onde as 1.ªs auscultações o médico da casa, Dr. João Pondé, facilmente reconheceu tratar-se nada menos que de um cancro e em estado já tão adiantado que não hesitou em declarar naturalmente impossível a sua cura. Trouxe ainda um outro colega, insigne especialista em doenças daquele género, o qual nada mais fez que confirmar plenamente o diagnóstico já feito. Empregaram-se daí em diante todos os meios, se não para o curar, ao menos para proporcionar ao querido doente o maior alívio possível. Na certeza moral de que os remédios pouco ou nada fariam, deu-se princípio a uma verdadeira campanha de orações, não só no Colégio, como em todas as demais casas da Missão e Província, reforçadas ainda pelas fervorosas preces de inúmeras pessoas de fora que lhe dedicavam subida e merecida estima. Interpôs-se mui especialmente a valia de N.ª Sr.ª da Fátima, a qual, se bem não nos concedeu integralmente a graça pedida, da conservação e saúde do doente, nem por isso deixou de lhe dispensar bem insigne favor. Logo da 1.ª vez que o médico acima reconheceu a natureza da doença, disse para o enfermeiro: «se ele agora já sofre, o que será quando entrar no período agudo?» Pois a verdade é que ele levou o dito período até mesmo a extremo, sem que o cancro, que atingiu proporções desmesuradas, produzisse nêlo outro efeito mais que um sempre progressivo enfraquecimento, que o não impediu de manifestar sempre o mais inalterável socêgo, conservando até quasi ao último alento um ar expansivo que lhe era mui peculiar. E a quem, senão a N.ª Sr.ª da Fátima, se deve atribuir tão extraordinário e inesperado efeito? Mil vezes seja Ela e para sempre bendita, que por modos tão diversos sabe beneficiar seus devotos!

22) Por causa da enorme crise que no Brasil, como em quasi toda a parte, se vem sentindo, não poucas casas se viram, por motivo de economia, forçadas a dispensar alguns dos seus funcionários, os quais por isso mesmo ficavam não raro lutando com seríssimas dificuldades, sobretudo os que tinham que responder pela sustentação e mais interesses da família. Um destes, que por mais diligências que empregasse não via saída para os apertos em que se encontrava, teve a sorte de ter entre os membros de sua família uma irmã mui devota de N.ª Sr.ª da Fátima. Subjugado pelo mais completo desânimo, vai, mais para desabar, que com qualquer esperança, conversar com ela sobre o assunto. Esta porém, longe de esmorecer com êle, lembrou-lhe o recurso a N.ª Sr.ª da Fátima. Dão nêsse intuito princípio a uma novena, e com tanta felicidade, que donde menos esperavam lhe veio o necessário auxílio, sendo facilmente aceite para uma excelente colocação numa casa, onde êle estava mui longe de supôr pudesse obter tão feliz despacho. Quão reconhecido não está êle hoje, a sua irmã por tão acertado conselho, e mais ainda a N.ª Sr.ª da Fátima por tão inesperada solução!

23) Diz também respeito ao lado económico, sem por isso merecer ser tido como de somenos importância, o caso seguinte: — Uma Senhora de distinção tinha, havia já tempo uma dívida de 1.200\$000; que, por causa precisamente da crise geral e de outras circunstâncias particulares, se via absolutamente impossibilitada de pagar enquanto não conseguisse melhorar a sua precária situação. Diversas vezes instada pelo crédor, que havia de fazer a angustiada Senhora, se não tinha, ao menos por então, donde pudesse haver a necessária quantia? Êle, porém, intransigente e impiedoso, decidido a não esperar mais, entrega a questão a um advogado, o qual, sem mais contemplações a

intima a no prazo máximo de 3 dias, dar entrada com 200\$000, para o mais tardar. 8 dias depois, depositar o resto da quantia isto é, 1.000\$000.

Por mais tentativas que a Senhora fizesse para procurar qualquer airosa solução, estava na véspera para a entrega da 1.ª verba, e sem ter nem sombras de possibilidade para isso. Em extremo aflita, como é natural, por inspiração certamente do céu, lembra-se de confiar o caso a N.ª Sr.ª da Fátima. Vem para isso ao nosso Colégio e diante da Imagem do nicho da entrada resa com o maior fervor de que foi capaz, o terço de N.ª Sr.ª pedindo-lhe que lhe valesse em tão angustiante transe. Isto foi quasi ao anoitecer. Volta em seguida para casa confiada em que não seria frustrada a sua súplica. Era já bem noite quando lhe chega a visita de uma pessoa mui amiga que nem por sombras poderia então esperar.

Como consequência da natural intimidade, pouco após os usuais cumprimentos, entrou a angustiada Senhora em desabafos acerca da sua triste situação, não sendo preciso mais para que a visitante que, além de amiga, era de posses, lhe resolvesse sem mais demoras o embaraço relativo à 1.ª verba para o dia seguinte.

Restava, porém, o conto de réis que deveria impreterivelmente ser entregue no princípio da semana seguinte. Onde ir buscá-lo? A mesma fonte... não tinha coragem para tanto. Lembra-se de que uma outra Senhora tinha para consigo uma dívida mui superior. Mas essa estava residindo no Pará, e, peor que isso, mesmo emquanto na Baía, diversas vezes instada para a satisfazer, pareceu sempre desdenhar de semelhante instância, e às cartas que sobre isso lhe escrevera depois da transferência, nem resposta sequer dera. Inútil, portanto parecia querer interpôr novo recurso, nem sequer o tempo para isso seria suficiente.

Assim permaneceu na crítica e ao parecer insolúvel situação, quando no sábado daquela mesma semana lhe é entregue uma carta do Pará, vinda por avião, contendo nada menos que o pagamento integral da supra mencionada dívida de 6.000\$000, com que a já dita Senhora pôde solucionar a sua e ficando com um, tanto mais apreciado, quanto menos esperado subsídio para as demais despesas da casa. Quem pudera sequer imaginar tão prodigiosa intervenção?!

Reconhece-o e sente-o bem a piedosa Senhora, não perdendo desde então, ocasião de manifestar o seu mais íntimo reconhecimento para com sua Soberana Beneficentora, já por meio de frequentes e fervorosas preces de acção de graças, já cuidando com particular carinho de que não faltem flores nem velas para ornar e alumiar sua Imagem diante da qual em tão boa hora fez a sua prece que tão maravilhoso despacho teve.

24) Idêntico a êste, se bem que em muito menor escala, e também o caso que passo a narrar. — Uma piedosa negrinha vivia em suma paz na sua pobre casinha alugada, quando lhe bate à porta o senhorio exigindo quanto antes o pagamento do aluguel, sob pena de lhe pôr os trastes na rua. A pobre negrinha, sem o necessário para o exigido pagamento, e sem saber que geito lhe dar, acostumada a rezar diariamente à N.ª Senhora do Nicho, lá vem com mais fervor que nunca implorar da mesma Senhora lhe desse um geito para não passar por um tal vexame, rezando nessa intenção um terço. Terminado êle, sai confiada de que N.ª Senhora lhe valerá; senão quando, de volta da sua prece passa por uma casa onde havia um jogo que aqui chamam «jogo do bicho». Olha casualmente para dentro e vem-lhe êste pensamento: «se N.ª Senhora abençoasse um n.º que eu ali fôsse tirar?» E, sem esperar resposta, entra e tira ao calhar um n.º com tão feliz sorte, que de facto saiu premiado, dando o prêmio não só para a dívida, mas para ficar ainda com uns cobrezinhos que lhe fizeram muito bom geito. A boa negrinha estava radiante de alegria! Com que entusiasmo me não contava ela o sucedido?!... E isto depois de ter passado a manhã quasi inteira rezando fervorosamente sem cessar diante de N.ª Senhora. Ainda não eram 8 horas quando lá chegou, e só depois do meio dia, passando eu lá por perto, é que saí para me contar o que fica dito, terminando a narrativa com a seguinte pergunta: «agora diga-me uma coisa, P.ª Mestre, êle é pecado jogar no bicho?» A tão inesperada como pitoresca pergunta, achei que a mais adequada resposta era: «por esta vez certamente que não, do contrário N.ª Sr.ª não abençoava, mas para o futuro é mais seguro não jogar senão a polícia pode prendê-la.» O certo é que ela ficou tão agradecida a N.ª Senhora, que dificilmente lá faltará um só dia a resar-lhe com visível piedade.

25) Havia já tempo que D. Elza Santos de Aragão, moradora no Rio Vermelho, sofria de uma inflamação nos

olhos, que, por mais diligências que para isso fizesse, e por mais remédios que empregasse, não só não tendia a diminuir, mas cada vez se ia agravando mais, tornando-se-lhe por isso mesmo cada vez mais penosa a aplicação a qualquer trabalho. Tendo notícia das muitas e especiais graças que na Baía mesmo se vinham conseguindo por intermédio de N.ª Sr.ª da Fátima, obtem uma novena e um frasquinho da água milagrosa, e, sem perda de tempo, introduz também ela a sua súplica.

Não só não foi frustrada a sua fé, senão que, com o prosseguimento da novena e o uso de umas gotinhas da água, já eram sensíveis as melhoras que ia experimentando, e terminada ela, nada mais lhe restava já da antiga e tão incomodativa inflamação, pelo que rende as mais afectuosas graças a N.ª Senhora do Rosário da Fátima.

26) Priciliana Evangelina de Jesus agradece a N.ª Senhora da Fátima uma importante graça que por meio de sua santa novena alcançou.

27) A seguinte graça, como a anterior sem especificação, foi-me pelos próprios petiçãoários comunicada em carta particular. É do teor seguinte:

Ex.ª e Rev.ª Sr.ª

Temos a grata satisfação de comunicar-vos que obtivemos a vitória de alcançarmos um graça particular pela efficacíssima protecção da Bemaventurada Virgem Maria do Rosário da Fátima. Muito nos tinhamos já anteriormente recomendado a valiosa protecção de todos os Santos e Anjos, e com mais particular devoção ainda ao nosso especial Protector, o S. C. de Jesus. Tomámos finalmente como nossa especialíssima medianeira a Bemaventurada Virgem Maria do Rosário da Fátima e logo obtivemos o feliz despacho do nosso pedido. A Jesus e Maria pois que tão benignamente nos ouviram, pedimos nos abençoem e façam felizes nesta vida e no Céu. Em cumprimento da promessa que fizemos a N.ª Senhora, dirigimo-nos a V.ª Rev.ª com todo o respeito, pedindo-vos façais publicar na «Voz da Fátima» acreditado e santo jornalzinho, esta carta a vós dirigida...

Baía, 26 de Novembro de 1931.

Pericles Andrade Costa e Maria C. L. de Athayde.

(Continua)

Já leu a última novidade literária e crítica sobre a Fátima?

Mande 5\$00 ao SANTUÁRIO DA FÁTIMA ou à VOZ DA FÁTIMA = LEIRIA.

e peça já a tradução portuguesa do

Fátima à luz da Autoridade Eclesiástica

pelo Dr. Luís Fischer.

Nossa Senhora lhes pague

Têm-nos sido enviadas algumas esmolas para auxiliar êste pobre jornalzinho que só vive da caridade de seus leitores. A todos os benfeitores dizemos um sincero «muito obrigado» desejando sinceramente que Nossa Senhora lhes pague.

VOZ DA FÁTIMA

DESPESA

Transporte...	345.433\$19
Papel, comp. e imp. do n.º 118 (69.000 ex.)...	4.188\$00
Franquias, embalagens, transporte etc. ...	1.230\$40
Na Administração — Leiria...	255.50
Total ...	351.107\$09

Donativos desde 15\$00

Candida Ribeiro — Moncôrvo, 20\$00; Guilhermina Rosa — Macau, 20\$00; Maria Dias — Borba, 20\$00; Maria Pereira — França, 30\$00; José Barbosa — Brasil, 15\$00; Dr. Luís Baldaque — Porto, 20\$00; Declinda Lacerda — Penela, 30\$00; Maria Lucia — Açores, 15\$00; P.ª António Avelar — Açores, 80\$00; Casa de S. Rafael — Açores, 30\$00; Ermelinda da Luz — América, 15\$00; Maria Ferreira — Pedrouços, 160\$70; Maria S. de Matos — Lisboa, 75\$00; M. L. V. P. — Lisboa 50\$00; Emília da Oliveira — Lousã, 50\$00; Maria G. da Cunha — Porto, 50\$00; P.ª Joaquim Simões — Sousel, 20\$00; Joaquim T. de Carvalho — Avis, 30\$00; Manuel Tavares — Ovar, 15\$00; Maria

Bartholo — Sernache, 20\$00; Ernesto Leite — Braga, 150\$00; Armando Batista — Évora, 20\$00; Francisca Batista — Évora, 15\$00; Sanatório Rodrigues Semide — Porto, 32\$50; Elvira de Sousa — Porto, 15\$00; Firmino Abrantes — Mangualde, 15\$00; Maria da Conceição — Carapinhal, 20\$00; Maria V. Viçoso — Calafornia, 15\$00; Fr. Bruno de Lima — Espanha, 30\$10 Sebastião Henriques — Freixo de Cima, 15\$00; Filipe Carneiro — Atalaia, 20\$00; Sr. Bispo do Funchal, 139\$00 António Antão — Veiros, 40\$00; Sebastião de Jesus Macau, 30\$00; Francisca Vitipaldi — Leiria, 50\$00; Eduardo Amado — Paredes da Beira, 15\$00; Maria Xavier — Madeira, 15\$00; Maria L. e Castro — Açores, 50\$00; Ana Augusta de Oliveira, — Évora, 20\$00; Joaquina Carneiro — Porto, 15\$00; P.ª José M. da Cunha — Covilhã, 42\$20; Maria Viçoso — Aldeia-gavinha, 15\$00; António da Cunha — Pedralva, 15\$00; Igreja da Conceição — Porto, 100\$00; Igreja de S. Sebastião da Pedreira — Lisboa, 105\$00; João de Almeida — Guarda, 30\$00; Tereza Ferreira — Bragança, 20\$00; José Henriques — Pegueiro de Vouga, 25\$00; Benedicta Antunes — Oleiros, 20\$00; esmola dum anónimo, 20\$00; P.ª Henrique Garcia — Almalaquês, 15\$00; Anunciação Rocha — Ilhavo, 89\$00; Luís Peixinho — Viana do Castelo, 20\$00; Prior de S. Pedro — Funchal, 20\$00; P.ª António e Joaquim Roliz — Macau e Shanghai, 1.000\$00; Maria Izabel Russo — Castelo de Vide, 25\$00; Joaquim da Rocha — Valpedre, 20\$00; Maria Caramonete — Ilhavo, 120\$00; Joana Serena — Ilhavo, 100\$00; José M. Lopes — Logrisa, 20\$00; Zulmira de Magalhães — Lisboa, 15\$00; P.ª João de Miranda — Col.ª Ant.ª Vieira — Brasil 1.312\$50; Maria da Luz — Lisboa, 30\$00; Joaquim da S. Carvalho — Soza, 88\$30; Ermelinda C. Ribeiro — Cambridge, 3 dolares; Mary Gaspar — América, 1 dolar; José de Moraes — Vila Flôr, 15\$00; Natividade de Jesus — Porto, 20\$00.

UMA HISTÓRIA INTERESSANTE Sobre o sinal a Cruz

A Cruz foi o berço da nossa redenção; por isso, quão grande será a virtude do sinal do cristão!

— Um dia, o Reverendíssimo Padre Jandel (da Ordem dos frades pregadores, mais tarde Geral da mesma Ordem), ao pregar na Catedral de Leão (França), teve a inspiração de falar aos fiéis sobre o sinal da cruz.

Ao sair da igreja, aproxima-se um homem que lhe diz: — Senhor abade, você acredita no que acabou agora de ensinar? — Se eu não acreditasse, não o teria ensinado, respondeu êle; a virtude do sinal da cruz é reconhecida pela Igreja e eu proclamo-a verdadeira. — É verdade... replica o interlocutor admirado... está certo disso? Pois bem! eu sou maçónico e, por consequência, não creio; mas, visto que fiquei tão surpreendido pelo que V. nos ensinou, venho convidá-lo a pôr à prova o sinal da cruz... Nós, os maçónicos, reunimo-nos todas as tardes em tal rua, na casa número tal... e é o próprio demónio que vem presidir à reunião. Ora, venha comigo hoje à tarde: V. faz o sinal da cruz sobre a assembleia, e então hei-de ver se é verdade... — Para isso, responde o Reverendo, preciso de um consentimento superior; permita-me três dias. O sectário concordou e deu a sua direcção ao dominicano.

Contado o caso ao Arcebispo, alguns teólogos foram consultados; e por fim, o Ex.ª Prelado deu-lhe com a sua bênção, a seguinte resposta: «Vá, meu filho, Deus seja consigo». Faltavam dois dias, e o Rev.ª P.ª Jandel começou a orar e a fazer penitência. Na tarde do terceiro dia, sem dar sinais de Religioso, (porque tinha vestido um fato de leigo) levando todavia um Crucifixo escondido, o dominicano, cheio de confiança em Deus, pôe-se a caminho, com o maçónico levado pela curiosidade. Depois de alguns minutos de viagem, entram em uma sala luxuosa, toda iluminada, e ficam junto da porta, prestes a sair quando julgarem conveniente.

Dentro em pouco todas as cadeiras ficam ocupadas, excepto a do presidente; mas esta vai ser ocupada pelo demónio que apareceu logo magestoso em forma humana. — Pobre traste!... nem sonhou que a confusão o esperava ali...! Logo que o viu, o disfarçado dominicano puxou pelo Crucifixo e fez, com êle o sinal da cruz sobre a assistência. — Apre! nem a rapidez de um corisco!... No meio de um ruído infernal, as luzes apagam-se, as cadeiras caem umas sobre as outras; e quanto a seres humanos... tudo foge. Os dois culpados do acontecimento foram os primeiros a sair; e quando já se encontravam longe, sem saberem como tinham escapado à raiva diabólica, o adepto de Satanás — o maçónico, cai aos pés do Venerando P.ª Jandel, dizendo-lhe estas palavras: — «Agora creio, meu padre!... ore por mim!... Converta-me!... Ouça-me!...» (Da vida do Venerável P.ª Jandel)

O noivo escolhido

Nunca a minha amiguinha Regina tinha parecido mais bonita e graciosa. As suas primeiras palavras foram para me dizer:

— Sabes? vou casar-me.
— O quê?...
— É verdade. Está o caso dedicado.
— A tua notícia dá-me imensa satisfação, tanto mais que te vejo tão cheia de alegria...
— Encontrei, finalmente, o noivo por quem esperava, o que vai ser uma felicidade para mim.
— Será indiscrição perguntar-te quem é?

— Nada disso. Tu conhece-lo...
— Eu conheço-o?
— Conheces! É o Cipriano.
— Quem? O Cipriano?
— Não digas que não o conheces. Sei que o conheces pessoalmente e, além disso, toda a gente por cá o conhece.
— Não admira. É um dos nossos grandes sábios. É o nosso maior químico e ainda há dias os jornais falaram da comunicação de uma descoberta sua apresentada à Academia das Ciências:
— Pois é com êle que eu vou casar!...

Peguei na mão da minha amiga, fitei os seus lindos olhos e disse-lhe:
— Minha querida Regina, tu tens muito espírito, mas a gente nunca sabe se estás a brincar ou se falas a sério. Essa história do teu casamento com um... sabio, parece-me uma brincadeira. Nem sei o que hei de pensar...

Regina não evitou o meu olhar e respondeu-me com a maior seriedade, frisando bem as palavras:

— Vou casar com o Cipriano. E por que não havia eu de casar com êle? Enquanto ela falava desenhava-se no meu espírito a imagem de Cipriano: Um homem alto, de quarenta anos, magro, um pouco curvado, mas com uma voz insinuante e uns olhos admiráveis; mãos longas e finas e uma conversação encantadora, apesar de um certo acanhamento. Enfim, um homem distinto e um espírito superior, porém mui longe do aspecto que se poderia imaginar no noivo duma menina nova e linda como Regina.

— Não percebo bem!... Que razões tens tu para casar com êle?

— Tenho uma e muito grave.
— Muito gostaria que me disseses.
— Vou dizer-ta já. É que não posso suportar os cumprimentos dos rapazes que me fazem a côrte. E Cipriano seguiu outro caminho...

— É a primeira vez que ouço uma rapariga a lastimar-se de ouvir cumprimentos!...

— Já estou cansada de elogios aos meus cabelos e aos meus olhos...

— Mas como é que tu queres que não reparem e admirem os teus cabelos de ebano, finos como a seda, e os teus olhos de um azul profundo, como safiras emolduradas nos cílios negros?...

— Ah! Também tu? Queres pedir-me em casamento?...

— Não, minha Regina, mas tenho de confessar a verdade.

— Mas para que falas tu nessas coisas? que importância tem isso? Será por eu não ter outro valor nem melhores qualidades?

— Não, não é isso, mas...

— Conhecendo-me tu desde criança foi só nisso que reparaste. Nunca pensaste se eu seria boa e inteligente, afectuosa e dedicada; nunca reparaste se eu teria da vida uma ideia sã e séria, o que podem valer para mim a religião, o casamento, a família...

— Não digo que não, mas...

— Ora eu queria um marido que pensasse mais nisso do que nos meus olhos azues e nos meus cabelos pretos...

— Então Cipriano soube encontrar assim o caminho do teu coração?

— Exactamente.

— Nunca te falou na côr dos teus olhos? Nunca reparou no contraste admirável dêsse azul transparente com a noite profunda dos teus cabelos?

— Não sei se reparou... mas o que é certo é que nunca me falou nisso. Em tudo quanto me disse, na gravidade e doçura das suas palavras e das suas ideias fez-me avaliar bem a diferença que existe entre um homem superior e um homem vulgar.

— Para não ver a tua beleza, naturalmente deve ser miopel!

— É possível, mas viu mui muito melhor que todos os outros porque viu a minha alma, em que nenhum dos outros pretendentes tinha pensado.

— Não admira. Anda sempre tão fora do mundo...

— É porque sabe conhecer o mundo do pensamento que muitos outros ignoram. Julgarei que ao menos tu fosses capaz de me compreender...

— Tens razão, minha querida Regina, creio que acertaste na tua escolha e que encontraste realmente o caminho da felicidade...

Este número foi visado pela Comissão da Censura.

OBRAS...

A Marquinhas é uma rapariga de sociedade, alegre e franca como uma criança, cheia de zelo e de amor das almas, ardente num altíssimo espirito de apostolado.

Mal imagina, quem a vê, de que estofado é aquela alma cujo corpo toma, por vezes, aspectos verdadeiramente infantis.

Tem 22 anos mas, por enquanto, não pensa em casar.

A sua vida é a mais simples que se pode imaginar.

Levanta-se de manhãzinha, na aldeia em que vive, e vai à missa e à comunhão, demorando-se depois largo espaço, em acção de graças, mergulhada na contemplação do seu Jesus.

E é talvez daí que lhe vem ao olhar um não sei quê de profundo e misterioso.

As ocupações da casa e algumas piedosas leituras durante o dia ocupam-lhe todo pois a não ser no verão as visitas não lhe tiram tempo.

Uma visita ao S.S.^{mo} à tardinha, na igreja paroquial, num outeiro, a um pequeno quilómetro da casa, o terço em família já muito reduzida e lá se lhe vai o dia.

Mas a Marquinhas, aqui há uma temporada, sentiu que não tinha o direito de viver assim, inutilmente ou quasi, para si e para os outros.

Alguém a chamava naqueles doces colóquios do sacrário e esse alguém era Jesus.

Que lhe queria?...
— Que lhe desse almas. Só isto.
— E ela?

— Ouviu, quiz pensar, resolver...
No dia seguinte no fundo da alma o mesmo pedido insistente.

De dia para dia parecia-lhe que o Senhor lhe exigia esse serviço e começou de ficar um pouco concentrada, sem saber como satisfazer esse pedido Divino.

A volta dela tantas almas abandonadas e sós no meio do mundo como barquitos à tona da água!

Tantas criancinhas ainda inocentes e boas mas que, dentro em breve talvez, estariam perdidas de todo.

Parecia-lhe em sonho vê-las todos no meio dum fogo enorme que as consumia envolvendo-as por todos os lados.

Como dum pesadelo levantou-se dum salto e encostou-se à parede do alpendre da capela lá no alto.

Lançou a vista sobre o campo e deixou-se como embriagar do odor acre que dali lhe vinha.

Dum lado o rio que já alagara os campos marginais; do outro a mancha interminável de pinhais a que uma grande alameda de acácias em flor punha, all perto, uma nota colorida e formosa como barra de chita em saia simples de riscadinho.

Entrou de novo e a sós na capela silenciosa e doirada pelos raios do sol poente, aproximou-se da balaustrada e deixou cair a cabeça sobre as mãos apoiadas na grade.

Sentiu a inefável doçura que antecipadamente o Senhor lhe fazia provar por lhe cumprir o Vontade e satisfazer os anelos.

Quando ao depois se levantou lembrou-se Saulo a caminho de Damasco.

Do fundo da alma também ela dissera o seu: «Senhor, que quereis que eu faça?»

Já lá vão meses.

De acordo com quem de direito, uma casa vizinha abriu as portas e deixou-se enxamear de crianças de que ela iria cuidar com carinhos de mãe.

Pouco depois de começar já ela escrevia:

«Venho dizer-lhe que já comecei a minha obrinha de que lhe falei e fiz precisamente como me ensinou.

Não calcula como as crianças estão contentes!
Tem vindo a pouco e pouco e já temos trinta e duas eu e a minha amiga Ifigénia; ela ensina costura e eu doutrina e as primeiras letras. Nos recreios brincamos com elas.

Algumas crianças costumam ir comigo visitar e fazer um bocadinho de companhia a Jesus.

Um dia destes levei-as, como de costume, e expliquei-lhes que Nosso Senhor, o Bom Jesus, quando andava cá na terra, gostava muito dos meninos e pegava-lhes e fazia-lhes meiguices.

Uma das mais pequenas diz: oh Marquinhas faça-me lá como Ele fazia.

Acarinhava-a e aconchegava-a ao peito.

As outras olhavam com certa pontita de inveja tanto que uma não se teve que não exclamasse: «Eu também queria...»

Sinto-me tão bem com as criancinhas,

gosto tanto delas... tudo são graças que Jesus me dá.

Quero ver se com a graça de Deus consigo desviar as criancinhas do mau caminho Jesus não desampara os que n'Ele confiam!...

Esta rapariga vive hoje muito mais feliz do que há meses porque conseguiu aumentar a felicidade daquelas três dezenas de criancinhas.

Tem um pouco mais de trabalho!... Que lhe importa isso se o fruto desse trabalho lhe perfuma a existência e lhe doutra a vida?...

Não toma parte com as raparigas da sua idade e condição nos divertimentos e passatempos do costume?

Que se lhe dá de todas essas coisas se afinal encontra ali um encanto que o mundo não tem, nem pode ter para ela? Alegria, a alegria comunicativa e sã, alegria real e continua tem-na ela como ninguém.

Por mais que andem à caça do gozo e do prazer nunca uma rapariga do mundo pode ter uma parcela sequer da alegria: intensa de que ela goza.

A sua piedade é uma piedade fecunda e activa, zelosa e caritativa.

Ao mesmo tempo que, pela frequência de sacramentos recebidos com amor, procura formar a Cristo em si, vai com alma de apóstolo dando almas a Deus. Canalizou a sua actividade, deu uma nobre finalidade à sua vida, sobrenaturalizando-a.

Vive.
Dá vida a outras almas.

Bem sei que nem todos são chamados às obras, que nem todos tem geito para elas...

Mas, entre os que frequentam os sacramentos, quantos que poderiam, fazer muito bem se se deixassem inflamar de amor de Deus e das almas?!

Que de frutos se não poderiam colher se muitos quizessem ocupar-se um pouco dos outros que não tem fé ou que estão em perigo de a perder?

Almas deslocadas, incompreendidas e incompletas
Almas sem amor, sem abnegação sem dedicação...

Almas fechadas, estereis, inúteis para os outros... e talvez para si...

Procurai a Deus nos outros e fazei que eles vejam a Deus em vós.

E o segredo de todo o apostolado!... Leiria, Maio de 1932.

Galamba de Oliveira

ENSINAI (Euntes docete...)

Mandado divino

Ao assumir a nossa natureza e viver como homem nesta terra de exílio e de miséria, não veio o Filho de Deus por de parte a Lei eterna dada por Deus ao homem mas apenas aperfeiçoá-la e realizá-la.

E nessa missão sublime de nos revelar os mistérios tenebrosos da vida Divina em si mesma e em nós e de nos inculcar os preceitos dulcíssimos da Sua Vontade quis o Filho de Deus passar os três anos da Sua Vida pública.

Podia o Senhor ter pregado a todo o mundo mas não quis.

Pregou apenas às onelhas da Casa de Israel a quem especialmente fora prometido como Salvador e deixou aos Apóstolos, que escolhera, os cuidados de evangelização dos povos gentios.

Ao subir para Seu Eterno Pai uma das recomendações que lhes repetiu foi essa: Ide, ensinai todas as gentes.

Em que consiste

É no cumprimento desse preceito especial do Senhor que a Igreja vem, desde a sua fundação, desenvolvendo uma admirável obra de ensino e de apostolado missionário.

Em todos os tempos, e hoje pode dizer-se em todas as nações e línguas do mundo, se prega o nome de Nosso Senhor Jesus Cristo e a doutrina bendita do seu Evangelho.

Bispos e padres, religiosos e irmãos leigos, espalhados pelos quatro cantos da terra, vão chamando as almas à luz da fé. É a missão da Igreja é o seu dever.

E em terras cristãs não cessa esse trabalho de instrução.

Crianças, jovens e adultos são sucessivamente tomados como sujeito do ensino da doutrina cristã.

Dever sacratíssimo que incumbe aos pais e à Igreja.

Peregrinação da Diocese de Leiria ao Santuário de N. S.^a da Fátima

Nos dias 12 e 13 de Agosto de 1932

Comemorativa do Centenário do BEATO NUNO DE SANTA MARIA, Conde de Ourem, Condestabre de Portugal, vencedor da Batalha de Aljubarrota em 14 de Agosto de 1385

PROGRAMA

Dia 12—A' tardinha—Entrada dos peregrinos no Santuário, presididos pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Bispo de Leiria.

A's 22 horas (10 da noite)—Terço em comum e procissão das velas.

A' meia noite—Exposição do Santissimo Sacramento e Adoração nocturna.

Dia 13—A's 6 horas—Missa e comunhão geral.

A' 7 horas—Missa e comunhão aos doentinhos albergados.

A's 9 horas e meia—Missa de Pontifical seguida da procissão do S. Corpo de Deus recomendando-se aos peregrinos que acompanhem Nosso Senhor com vela.

A's 12 horas—Terço em comum e procissão de Nossa Senhora.

A's 13 horas—Missa dos doentes, seguida de Benção aos peregrinos.

OBSERVAÇÕES—As pessoas que quiserem tomar parte na peregrinação devem:

- 1.º Confessar-se antes;—2.º Dar com antecedencia os seus nomes aos Rev. Párocos cujas indicações seguirão;—3.º Durante o caminho rezam o Rosário, entoam canticos e, passando por alguma Igreja, entram, visitam o Santissimo. Os que passarem pelos cruzeiros, fazem a *via sacra*.

Sim aos pais como gravíssima obrigação compete dar aos filhos, juntamente com o alimento do corpo, os alimentos duma fecundia e poderosa educação e formação cristã.

Os pais que o não sabem ou não querem fazer são pais a metas, pois desprezam nos filhos a mais nobre e valiosa parte do seu ser.

São criminosos, porque defraudam os filhos num direito de que nem os filhos podem abdicar, pois se trata dum direito natural que promana das próprias relações de paternidade.

A formação cristã começa no lar, na família, embora haja de ser aperfeiçoada pela Igreja.

Os pais são, pelo ensino e pelo exemplo, os primeiros e os mais eficazes obreiros do caracter e da virtude dos seus filhos.

Beleza de tal ocupação

E que linda, que sublime não é essa missão de, em certo modo, «gerar para Cristo» essas almas cujos corpos geraram para o mundo!...

Como devem sentir-se felizes os pais cristãos, tornados, assim, cooperadores de Deus na obra da Criação e, agora, na do Apostolado!

Que inefável consolação a da mãe que, com o leite, dá ao filho, no exemplo e na palavra, o inebriante perfume de vida cristã—«bonus odor Christi!»

Rejubila o pintor quando ao fim de meses de trabalho pode contemplar terminada a obra prima que o cobrirá de glória.

Com quanto maior razão não devem a'egrar-se os pais que, formando na alma dos filhos a imagem do Filho de Deus, podem dizer, com mais verdade do que o Imortal Grego, «Pinto para a eternidade» «Aeternitati pingo?!...»

Necessidade de catequistas

Mas, sendo indispensável, o ensino dos pais não é suficiente.

É preciso que, na Igreja, se completem esses princípios de instrução, dados na família.

Dai a necessidade de catequistas que ajudem os sacerdotes e sobretudo os párocos nessa missão nobilíssima da catequese ou ensino da doutrina cristã.

É preciso que acorram homens e mulheres, rapazes e meninas que tomem as várias classes em que, com método, se tem de dividir os discípulos.

Um padre, só, que pode fazer deante de 50 ou de 100 crianças?

Facilidade de ensinar

A ciência—Fácilmente se adquire. Com cuidado, atenção, método e muita piedade aprende-se depressa, depressa se compreende bem.

Piedade sobretudo...
As vezes o crucifixo e uns mo-

mentos em frente do sacrário ensinam coisas que os livros não trazem e os lábios humanos não são capazes de dizer.

Experimental.

Procurai sentir.

Depois—ah! depois... deixai que o coração fale a essas criancinhas daquilo e d'Aquela a Quem sentis e amais, e vereis maravilhas.

Quem não sabe fazer de quem ama?...

Amai a valer e sabereis ensinar.

Não sabeis ler?

É pena mas... paciência!

No Coração de Jesus todos podem ler: até os analfabetos...

Tempo? Tempo não falta quando se quiere.

Requisitos do catequista

O primeiro, o fundamental é essa piedade sincera, consciente mas piedade de sacramentos.

Depois, espírito alegre e amigo das criancinhas como era Nosso Senhor quando com a alma a sangrar, supplicava: «Deixai vir a Mim os pequeninos».

Depois, um grande espirito de renúncia, uma grande dedicação trabalhando para Deus e por amor de Deus sem a mais pequena esperança ou desejo de glória mundana que iria estragar tudo.

Um grito

e grito de angústia é o que me sai da alma quando estendo os olhos sobre uma multidão imensa de crianças de todas as classes e condições nas cidades, nos burgos e aldeias, crianças famintas de Deus, sedentas de doutrina sem terem quem as ensine.

Ocorre-me o queixume sentido do profeta: Os pequeninos pediram pão e não havia quem lho partisse!...

Os pais?

—São tão poucos e tão ocupados em mil obrigações do seu ministério, muitos com duas, três e mais freguesias...

—Mas se tantos nem sequer suspeitam ter semelhante obrigação?!

Se outros são absolutamente incapazes de, por falta de preparação, ministrar esse ensino...

Se outros finalmente, ou contradizem a doutrina com a vida, ou procuram até positivamente afastar os filhos de quem os pode ensinar...

Almas de eleição, predilectas do Coração de Jesus vinde, acorrei a engrossar o número dos que ensinam a doutrina cristã nas igrejas e capelas, nas casas e escolas particulares, nos cantos das fábricas e até nas praças públicas.

Grças a Deus já há de tudo isto na nossa terra—almas benditas que se deixam contagiar da sublime loucura da Cruz.

Mas queremos mais, muitas mais!

Se o demónio tem tantos que o servem...

Não será o Senhor Jesus mais digno de que o sirvamos?...

Não haja sacrificio que se não faça por amor d'Ele.

Ah! Como É'e paga generosamente a quem o serve com amor!...

As consolações que se recebem depois de um pouco de trabalho, acreditai, são tantas e tamanhas que há até o perigo de a gente trabalhar por amor delas.

Nunca esquecerei os prazeres inefáveis que, ao contacto dessas almas a florir, o Senhor me deu nos anos ainda próximos da minha juventude e até agora me continúa e dar fazendo-me ver que bênçãos reserva aos que se entregam a essa faina divina de ensinar as criancinhas.

Ponde-vos desde hoje à disposição do vosso pároco.

Vinde e ensinai-as por amor de Deus!

Docete!... Ensinai!...

Uma alma pequenina

Fiquem só com um Jornal!

Mais uma vez se repete este pedido que se fôr posto em prática representa uma economia de algumas centenas de escudos nas despesas da Voz da Fátima.

Por isso cada família fique com um e só com um Jornal cada mês.

O poder da esmola

Na vizinhança de Ars residia uma família que desde algum tempo se descuidava do cumprimento dos seus deveres religiosos. O pároco esforçava-se por a converter, mas em vão. Não sabendo que mais havia de fazer, o pároco foi visitar o santo cura d'Ars.

—Que devo fazer, perguntou-lhe, para converter essa família?

—Manda-lhe um pobre (foi a resposta).

—Mas talvez o não queiram receber.

—É possível (retorquiu o santo) mas talvez lhe deem alguma coisa ainda que fosse somente para se verem livres dele. Se o fizerem, Deus se compadecerá deles, dando-lhes a graça da conversão.

Assim foi. O pobre recebeu uma esmola e pouco depois a família estava convertida e levava uma vida edificante.

É que «a esmola (diz a Sagrada Escritura) livra do pecado e da morte» (Tobias IV-II).

Atenção

Quando necessitardes de alguma mudança nos endereços das vossas assinaturas, não vos esqueçais de enviar com o pedido para a mudança o número da vossa assinatura. Doutra modo é quasi impossível o serdes atendidos.

A confissão pública duma bruxa

«Eu Henriqueta Hohemberger, declaro aos habitantes de Helmbrecht e circunvizinhanças que durante anos, desnorreada pelo poder da mentira e das trevas, menti conscientemente a todos os que quiseram conhecer o seu futuro por meio das cartas. Por uma maravilhosa intervenção divina, reconheci o meu erro e renunciei a minhas obras de pecado. Rogo a todos que enganeli que me perdoem.»

Tal é a confissão pública duma célebre bruxa, dentre as mais célebres da Baviera.

Veio há pouco publicada num jornal de Helmbrecht, cidade bávara da Alta Francónia, localidade onde Henriqueta Hohemberger explorava a credulidade pública pela especial aptidão para ler o futuro por meio de cartas. Um dia a sua consciência clamou mais alto e lembrou-lhe que o seu modo de vida era incompatível com a honestidade. Arrepentiu-se, lealmente quiz reconhecer e confessar a sua culpa num jornal da sua terra, dando como motivo da sua conversão, uma maravilhosa intervenção divina. Esta intervenção foi simplesmente o que no catecismo chamamos a graça de Deus.